

A DEMOCRACIA

PERIODICO POLITICO, LITTERARIO E SCIENTIFICO



REDACCAO
32 Rua Gonçalves Dias 32

RIO DE JANEIRO, 21 DE MARÇO DE 1887

ADMINISTRAÇÃO
32 Rua Gonçalves Dias 32

ANNO II

Publica-se tres vezes por mez

N. 21

EXPEDIENTE

Semestre	35000
Anno	60000

Rio, 21 de Março de 1887.

CHRONICA POLITICA

Reina a paz no quartel de Abrantes. A politica está chocando a ninhada do favoritos.

Ninguem pensa senão em arranjar empenhos para engrossar aquelle numero.

Ha muita coherence n'isto.

Comer do governo, sob pretexto de servil-o, ainda é um bom meio de derrotal-o.

E' uma conducta que não se allia com os sentimentos de todos; mas desde que prodigaisam-se os favores com tanta liberalidade e que em todo o caso ficariam desaproveitados, mais vale prestar-se um de bom grado e fazer o sacrificio da propria independencia.

Ora, com tão valioso argumento, os escritores assalariados dos entrelinhados merecem todo aplauso pela dedicação e insaciabilidade de que dão prova no exaurimento do erario publico.

O decano d'entre elles, o redactor do *Jornal do Commercio*, dir-se-ia estar ha muito possido d'esta theoria, desempenhando com admiravel galhardia o officio de sapador-mestre.

Foi-lhe increpada essa forma de proceder e chegou-se a accusal-o de vendilhão, traidor do sacerdotio da imprensa, veihaco corruptor dos costumes, Judas de todos os tempos...

Eis ahi como uma obra meritoria, converte-se em arma contra quem a pratica.

Quaes seriam as exigencias d'esses puritanos exagerados que lhe movem guerra tão pertinaz?

Que elle resistá à seducao metallica exercida pelos governos? Não; porque sustentar estas ou aquellas opinões, quando nenhuma professa, e receber grossa paga só por tocar de preferencia no realejo da imprensa certo trecho predilecto, no entender d'elle jamais foi crime.

Que poupe e respeite ao menos a personalidade dos collegas? Queiram ante tudo os dignos interpellantes explicar-lhe o que são essas filigranas conhecidas sob o nome de respeito, decoro, decencia, etc., etc. O que elle bem sabe é fazer o calculo das linhas impressas, do lugar que ocupam, do tamanho das letras; quanto ao sentido ou qualidade, compara-se a um estivador ou a um homem do ganho, que cobra por viagem e pela distancia a percorrer.

Para nós, o *Jornal do Commercio* é mero producto dos tempos que atravessamos: uma sentina ou vasadouro das fezes sociaes; a reprodução genuina dos elementos convulsos de uma sociedade composta só de estomagos ávidos de cibo, de qualquer especie que seja, venha d'oncde vier.

O precito *Corsario* não era mais do que isso, excepto com tudo a hypocrisia.

Que desperte o orgulho nacional; que vibre dentro do coração o sentimento da dignidade pessoal; que implante-se na consciencia de cada um o dever cívico; que surjam partidos com doutrinas definidas, serias e fundamentaes; que nivellem-se os cidadãos pelos seus

merecimentos, só e só; então, sem duvida, esse monstro desaparecerá, quer pela indignação que provocarem as suas aberrações, quer pelo desrespeito a que os espiritos elucidados e patrioticos o lançarem.

Outro assumpto.

Discute-se muito nos jornaes de S. Paulo a conveniencia da desagregação d'aquella província do resto do imperio.

Effectivamente, a prosperidade e importancia de suas rendas só tem redundado em seu prejuizo.

Ha provincias que figuram eternamente como beneficiadas à custa das que desenvolvem iniciativa e procuram progredir.

Alem d'estas razões de ordem economica, accresce que as aspirações a um regimen politico, independente e autonomo espraiam-se alli e dominam a maior parte dos habitantes sisudos.

Que bello começo em perspectiva de um sistema federativo!

A desconfiança que d'isso resulte o desmembramento e a separação definitiva e absoluta é demasiado pueril para que nos detenhamos em combatel-a.

A vasta familia brasileira já está suficientemente enlaçada e solidaria na obtenção do seu ideal, já pela tradição, já pelos costumes, idioma, vínculos de toda classe, para que já-mais pensem os seus grupos em desismar-se totalmente e desobedecerem à voz intima que os congrega, sempre que se torne isso preciso.

Este passo trará forçosamente a proclamação do governo popular, ao qual sem duvida adherirão as outras provincias do sul.

Ja d'aqui desenha-se quão sombrios e agitados vão ser os derradeiros annos da monarchia.

Viverá aulando a guerra fraticida, e sucumbará por fim ante a pujança de homens livres, deixando porém um rastilho de ruinas e de maldições.

Prouverá que o rei se convencesse da marcha fatal das ideas e coroasse, espontaneo, a primeira doação com outra, de verdade, legitima, leal e sincera, que importasse a eliminação de sua pessoa e de seus adeptos.

Seria primeiro e unico exemplo na historia; sem embargo de que o futuro provar-lhe-á a indeclinável necessidade de o praticar *bon gré, mal gré*.

Volta à tona d'agua a estafada questão de levantar-se um orgão para a representação, no circulo da imprensa, do partido liberal.

O que se repotreia actualmente no poder sentio cocegas de tanto ouvir fallar n'esse imaginario projecto e não está longe de convencer-se que tambem podia dar-se ao luxo de deitar rhetorica, iniciando umas *nuances* não menos cerebrinas no modo de extorquir e usufructuar o dinheiro d'esta misera nação.

Liberal ou conservador, evolucionista ou immovel, negreiro ou abolitionista, aprovam sufficientemente a sua impotencia no governo; o seu lema é a submissão discricional a quem cobre com o seu esfarrapado manto as pustulas que lhes marchetam o corpo; pois se só vergonhas têm a occultar, já é grande pechincha poder fugir à vaia do publico com tão facil

expediente, isto é, descarregando parte da responsabilidade no pôr si do automedonte d'este desconjuntado carroço do estado.

Mas o que a qualquer de nós move ao riso, aquelle riso que, no dizer de Voltaire, deviam modular dous padres ao enfrentarem-se, ainda voga entre os simplorios e pataus. E contém que não são poucos.

Hoje, como d'antes, sollicita-se com muito empenho uma patente de coronel; hoje, como sempre, suspira-se por uma commanda apesar da feira que se abrio e das chufas que merecem tais patacas.

A respeito de partidos politicos, vigora para ahi fora em seu pleno apogeo perfeita distinção de nomes.

Existem familias e comarcas inteiras, conservadoras ou liberaes, que sustentam guerra escarniça entre si, sem mais pretexto que a sonancia da palavra.

Destruir tais disposições é tentamen absolutamente irrealisavel, visto fallecer um criterio proprio, uma doutrina que se sobreponha a essas ridicularias e faça convergir os espiritos, n'um unico anhelo, a um ideal superior que encarne o bem geral, a influção de vantagens transcendentas, a recomposição, emfim, do nosso caracter e da nossa nacionalidade.

Os astutos próceres da realeza sabem d'isto e batem palmas. O caso é conservar este estado de myopia moral e intellectual.

Agitar umas questiunculas que alimentem a curiosidade dos pacovios; iniciar certas reformas com ressalvas casuísticas; transigir ou negacear com adversarios poderosos; escarnecer do humilde e do fraco desamparado; refundir enredos e denominações para glosa e distração do povo, enquanto elles se refolgam e dividem os despojos da nação; eis em que se resume a chronica dos ultimos annos; e d'este circulo ou phase não havemos de sahir nunca, a não ser que se erga nova phalange; não a quinquagesima do partido liberal, reforma ou revolução, nem a evolucionista conservadora, os bois do recavém, mas uma phalange desconhecida que emprehenda com jesusada energia e resolução a regeneração da patria, principiando por estender uma mortalha de misericordia por sobre esses miseraveis descombros de uma vitalidade mal dirigida, envolvendo no sudario do perdão e do esquecimento as mumiás ambulantes dos nossos partidos ou corrilhos, iniciando a fundação do grande e verdadeiro templo de respeito e adoração commun, o templo da liberdade collectiva e da justica indefectivel.

Não cremos errar muito, affirmando que pelas bandas do sul é que ha de bruxolar a esperança de realizar-se esse urgente commettimento.

A IMPRENSA REPUBLICANA

II

Um dos objectos capitais da imprensa resumia-se na reprodução dos escriptos mais importantes que vêm a luz em todo o vasto ambito d'este paiz.

Viver espiritualmente da collaboração de todas as intelligencias; perceber e apropriar-se as cogitações dos mais versados; disse-

minar por toda a parte o que uma feliz inspiração concebeu, deve forçosamente concorrer ao aperfeiçoamento geral, bem como à orientação dos espiritos; ao proprio tempo que aufera cada um a gloria que lhe possa caber na impulso progressiva, vinculando-o ainda mais estreitamente à solução acertada dos grandes interesses que reclamam o concurso e o apoio collectivo e unanime.

As folhas d'esta grande capital mui raras vezes transcrevem produções de fora, de indiscutivel valor às vezes e merecedoras do estudo de nós todos.

D'esta sorte, cada localidade fica circumscreta ao seu acanhado limite territorial e vive exclusivamente dos elementos que encerra, como se o convivio e a civilisação não existissem; absolutamente separada do mundo inteiro, qual rochedo em meio de vasto oceano.

A respeito das tendencias republicanas, dá-se no Brasil o facto singular de haver comarcas inteiras regularmente iniciadas ao movimento progressista das idéas, ao lado de outras, onde inda não germinou a dignidade varonil que faz repellar toda a subserviencia e servidão como acto deshonroso e aviltante!

A razão d'este phenomeno deriva sem duvida da falta de informações, da ignorancia supina que grassa nos diversos circulos, à mingua de alimento substancial; de modo que ahi vegetam os homens n'uma atmosphera estagnada e viciosa, sem a seiva vivificadora que fornece o atrito, o choque das idéas, o embate das opiniões, o confronto de systemas e a luta dos principios.

A imprensa da Corte, a mór parte, tomou um caracter declaradamente mercantil; tanto, que até fazem todos garbo em se declararem imparciaes e só cuidarem dos sagrados interesses da sociedade !

Bem desejaramos saber o que ha de sagrado nos tais interesses, uma vez eliminada qualquer especie de programma que se deva hastear à guisa de estandarte... Em nome de que principios nos fallam elles, se estabelecem d'antemão a exclusão de todos, excepto o bem da sociedade, o imperio da justica e quejandas generalidades declamatorias, que têm o condão de tudo interpretar e nada dizer ?...

Querem, porventura, significar que desprezam as escolas e methodos conhecidos, em virtude dos quaes se classificam e discriminam os conhecimentos humanos e suas variantes, para arvorarem-se em iniciadores de outros novos e sentenciarem sem agravo e sem appellação?

Não; seria requintada jactancia. A missão do jornalista não é mais que a de espelhar a consciencia de seus leitores e projectar sobre elles a fimbria de luz que os guie através dos obstaculos, creados pela prepotencia de uns, a perversidade, o egoismo desmedido e a ignorancia de outros.

Mas no exercicio d'essa missão, tem elle que acatar uma crença, subordinar as suas concepções a um dictame, perfilar um sistema implantado, reconhecido e sancionado pela sciencia; se não quer alistar-se ao mundo dos absurdos e dar em resultado o hybridismo, a charlataneria, essa cousa sem nome que nem instrue, nem satisfaz nenhum dos altos fins a que devia dirigir-se.

Assim, com programa definido, constituindo um mandato imperativo para os proprios escriptores, cessam as evasivas, caem os sophismas, atulha-se para sempre a voragem dos desejos venas e já não ha senão fazer applicação de theorias aceitas e tidas como unicas sãs e verdadeiras.

Eis as premissas em que desejaramos ver firmada a instituição do jornalismo.

Examinar o criterio, carácter e influencia dos diversos grupos em que se divide a nossa sociedade e que podem pretender à sua representação na arena da publicidade, será objecto de subsequentes artigos.

OPINIÃO DA IMPRENSA

(Continuação)

«A Democracia.—Além da sua chronica politica, que é, como sempre, criteriosa e interessante, traz o n.º 20 d'esse periodico bons artigos de propaganda republicana, hygiene publica, literatura e humoristico».

(D'O Paiz de 11 de Março).

«Appareceu a 18 do corrente n'esta capital A Democracia, importante jornal politico, litterario e científico, que veio substituir o Obreiro do Porvir. Como este, continua a pugnar pela causa da republica, como se deprehende de uma advertencia da sua illustre redacção. No seu primeiro numero traz entre outros artigos uma bem elaborada chronica politica e a importante conferencia realizada no Club Tiradentes pelo nosso co-religionario Dr. Julio Diniz».

(Da Revista Federal, de 28 de Fevereiro).

«Recebemos o n.º 18 d'A Democracia que vem substituir o Obreiro do Porvir, sustentando o mesmo programma.

Promette uma lucta constante a bem das idéas republicanas, do governo do povo pelo povo.

Com tão illustrados batalhadores, não pode haver dúvida que a causa do governo dos homens livres, muito breve será uma realidade em nossa patria.

Apertamos sinceramente a mão do nosso illustrado collega, desejando que o favor publico corresponda aos esforços de tão denodado campeão».

(Do Correio do Machado, 27 de Fevereiro).

«A Democracia fez-nos a honra da sua visita.

Temos presente o n.º 20 traz uma importante e bem escripta chronica politica, o primeiro artigo de uma serie sob o título—A imprensa republicana, variedades, etc.

Agradecemos.

(Da Gazeta da Tarde, de 11 de Março).

«A Democracia. Com este novo título apresenta-se hoje, em formato maior, o Obreiro do Porvir, revista politica, litteraria e científica, que tantos elogios recebeu de toda a imprensa, por occasião de seu apparecimento.

Em seus brilhantes artigos manifesta-se adepto das idéas republicanas, discutindo com grande proficiencia as mais altas questões sociaes a que se prendem os interesses do nosso paiz.

São nossos mais sinceros desejos que a Democracia prospere sempre, pelos immensos serviços que prestará à causa da liberdade».

(Do Mineiro, de 13 de Março).

«A Democracia—antigo Obreiro do Porvir. A reforma do titulo e formato por que passou tão distinto campeão em nada altera o seu programma, diz a redacção. «Pugnar pela liberdade através de todos os obstaculos, eis em que podemos resumir o nosso desideratum. Que é brilhantissimo, afirmamos nós».

(D'O Larangeirense de 6 de Março, Sergipe).

A DEMOCRACIA

SEÇÃO LITTERARIA

MAYAR

Ha saudades que vivem sempre. Vive-se d'ellas. Parece que ellas se enamoram de nossa alma. Que se unem a ella, como um tenuissimo perfume, que, morta a flor, apaixonado, persegue eternamente a aurora que lhe deu existencia. Ha saudades assim. Um instante de nossa vida, até o ultimo alento, acompanhados, sempre palpítante, sempre novo, sem que os dias passados, n'uma serie enorme, lhe alterem a menor linha.

Annos e annos, de alegrias e de sofrimentos, esquecem-se. Ambigões e esperanças, nascem e morrem. Entretanto, um atomo de vida, um quasi nada, segue-nos constante, suave, terno, como um olhar de mãe, carinhoso, estendido sobre nossa alma. E, sob esse fragilíssimo manto protector, o nosso espirito paira anhelante, vencido por essa especie de sonho redivivo, por essa supplica do passado. Vôanmos o pensamento para aqueles dias. E, como se uma vontade invisivel subjugasse a nossa, sentimos a attracção d'essa luz distante e amortecida. Esse pedago de nossa vida, com todos os seus detalhes, surge-nos ao pensamento, como uma pagina polvilhada de estrelas. Parece-nos que toda essa luz divide-se. Uma parte, fogo, inflamma-nos as veias. Outra parte, clarão, invade-nos o cerebro. Um desejo impetuoso incendeia-nos o espirito. Ha em nós um momento de loucura.

A intensidade d'essa luta vence-nos por sim. Uma suavissima tristeza nos vae aos poucos acalentando, e adormecemos,

Embalados de manso pelos sonhos,
Sob o doce luar d'essa saudade.

.... Esegue sempre o vapor. Como se apressa o momento da chegada! E entretanto, ha já tres dias que partimos! O' pallida lua, que nos fitas, deixa cahir sobre nós um dos teus raios, um dos teus beijos. Manda que elle chegue até o intimo de nossos pensamentos. E depois, se elle te voltar, dizendo que ella me engana, foge, na tua silenciosa carreira, cheia de misterios, até que uma nuvem te occulte. Farás assim, ó bella diva da volupia?

.... Tu és Deus. Se tu fallas, eu adivinho como se falla no céo. E' como se uma onda de harmonias me envolvesse. Não sei como conversam as flores. A tua voz faz-me imaginar a musica dos jardins. As tuas palavras têm alguma cousa do perfume. Chegam-me até a alma. Que doçura! Que encantamento! Ouvindo-te, eu quero reclinar-me no teu seio, e ir buscal-as no palpitante do teu coração. Quero ir bebel-as, labio contra labio. Que ninguem mais as ouça! Ellas são minhas. Minhas só, não é verdade? Olha... eu tenho ciumes até dos teus proprios labios. Elles beijam-n'as. Quando tu acabas de fallar-me, eu tenho o coração povoado de flores. Tuas palavras transformam-n'os em paraíso. Eu amo-te, porque me encantas.

— Se tu me fitas, eu sinto que és meu senhor. Seguiria o rastro luminoso do teu olhar até o céo. Atravessaria o infinito até onde encontrasse a minima poeira de sua luz. A's vezes, nos meus desvarios, eu tenho impetos de pedir à Virgem que te faça cego. Cego, sempre que não olhares para mim. O teu olhar faz-me mal. Mas, um mal delicioso! E, se ao me fitares, tu sorris, eu estremeço. Sinto-me doida sob esse duplo céo. Olha... eu mato-te... Não. Perdóa-me. Eu amo-te, porque me enlouqueces.

— Se a tua mão toca a minha, é como se uma lamina de ferro em brasa me queimasse o cerebro. Eu sinto arrancos de gritar, de bater-te. Mas, fascinada, venho ajoelhar-me aos teus pés. Vê; assim: para que tuas mãos brinquem com os meus cabellos, para que o meu olhar supplicante suba até os teus olhos; para que a tua respiração desça até os meus labios!

— Piedade! Eu sou como a mariposa, enamorada eterna da luz que a queima. Não me queixo. Amo-te, porque me vences.

— Mas falla-me tu. Eu não sei o que se te pôde dizer. Tu és Deus!

O' lua, porque escondes os teus raios?
Porque foges, tua?

Onde a verdade? O' belleza, seria o teu destino na terra, servir eternamente de mascara? E' só traição o que nos cerca? Morreste já, verdade? Ou, então, onde te occultas? Talvez no lodo.

Ha saudades que vivem sempre.

E. ARITA.

A REVOLUÇÃO

II

Quem ha que, olhando atento o Oceano tu-
[multuoso, onde naufraga já, presa da tempestade, o transviado baixel da pobre humanidade, não pergunta, a si mesmo, afflito e receioso, atô onde o levará a procellosa mão, que pôde conduzil-o à eterna perdição?

Quem, vendo cada vez tornar-se mais sombria, a nuvem que em seu seio a tempestade en-
[cerra, e vendo-a, pouco a pouco, obscurecer o dia, trazendo a confusão e a noite sobre a terra, não pergunta que luz, desconhecido alvôr, succederá na treva ao tempestuoso horror?

Quem, vendo a mais e mais alastrar-se a tor-
[rente, que arrasta no seu curso os homens e as idéas, e, vendo-a tumultuar, sem dique que a susten-
[te, cobrindo o bosque, o prado, os montes e as [areias, não pergunta ao Senhor, que ignota protecção, o virá subtrahir áquella inundação?

O momento é solenne, e a hora pressurosa.
A onda ergue-se, ameaça, avulta, e vae cres-
[cendo; e em quanto no seu seio os factos absorvendo, fermenta, e se converte em vaga tempestuosa, sente-se perto já, e aberto em pleno mar, o abysmo onde a procella ha de precipitar.

E não se ouve uma voz que os brios avivente!
Desanimada e louca, a afflita humanidade, ouve immovel bramir a voz da tempestade; Sente a seus pés rugir o abysmo encandes-
[cente e sem forças ter já, nem brios p'ra arrostar, empallidece, escuta, e deixa-se arrastar.

LUIZA

Não vês, senhora, além para o Levante,
Aquelle enxame tremulo de estrelas?
Eu diria que a aurora n'este instante
Vae irromper ali do meio d'ellas!

Vês, senhora, este rustico mirante,
Recamado de raras aquarellas?
Que mystico perfume inebriante
O d'estas flores! Olha bem... e aquellas...

E ouve este canto apaixonado agora!
Que garganta ideal, celestemente
Então assim esta canção tão linda?

E' um gorgorio a tua voz sonora!
E' uma estrella o teu olhar ardente!
Flor — o teu sorriso! E' mais bella ainda!

E. ARITA.

VARIEDADE

BEIJOS DE ESTALO

Um grupo de tubarões promoveu em Paris uma kermesse a beneficio das sardinhas, isto é dos pobres.

Era formado pelos Rothschild, Ephrussi, La Rochefoucauld, pelo que ha de mais poderoso no grande mundo parisiense.

As bellas e feias padroeiras prepararam uma festa brillante, ofereceram prendas riquíssimas para os bazares, convidaram muitas vendedoras de 15 a 25 annos (adoraveis por signal, e com signes adoraveis) instalaram barracas de bugigangas, bolequins etc. etc. Tudo em sim quanto pode alegrar uma feira d'aquelle genero. Até Judic e Theo, as celebres actrices parisienses, em cima de um tablado, faziam caretas e riam-se a guelas despregadas—por dinheiro já se vê.

Tudo se permitia. Se era para os pobres!

Qualquer careta de actriz custava um franco; um guincho dous francos!

Cahio muitagente, e gente de gravata lavada.

Cá o menino não cahio com as actrices, cujas dengueis de encomenda lhe são, ha muito, conhecidas. Não cahio com essas carantonhas arrebatadas, mas cahio, achatou-se, esborrachou-se (*bonni soit qui mal y pense*) com uma vendedora de umas vinte e cinco primaveras. Cahio!... que expressão! Deu para os pobres! Pois aquelle diabrete c' de rosa não me poz um charuto ao peito, em vez de uma pistola, dizendo-me: *para os pobres um pobre luiz!*

Custaram-me pois os pobres pouco mais ou menos 7.200 pobres réis indirectamente; pois, não obstante o meu bondoso e magnanimo coração, o que mais me influiu, não foi a pobreza, nem o charuto,—ao qual preferi o cigarro—foi aquella carinha feiticeira, aquella maozinha audaz e indiscreta.

O que havia de mais aristocratico, *elan bécarré, copurcic*, ornava a philanthropica festança.

Tambem havia muita gente que nada tem de mundano: a minha humilde pessoa, por exemplo sem excepção. Não faltavam ingleses.

Ha cardumes em Paris. Em Paris e em toda a parte. Não dever que não deixarão de mostrar as trombas no proprio valle de Josaphat!

Um d'esses queijos londrinos dos *quatro costados* pellados da ilha negra, de suissas espetadas, chapéu alto cor de rato, sobrecasca diplomática, um genuino gentleman atravessava um dos aruamentos da Laranjaria do Palacio das Tuilerias, onde se ostentava a kermesse, quando foi atacado por uma vendedora, como a minha, de charuto em punho.

D'aquelle vez, o charuto custava o dobro do meu, a bagatella de 14.400 réis!

Ora não arrotem tanta riqueza! E' por isso que são bastante explorados aqui, mesmo pelas duquezas de Luynes, ou condessas de Noailles, quando padroeiras de Paris, a imitação de Santa Genoveva, já se vê.

Sem pestanejar, o pedaço de *cosmetique* abrio a bolsa, e escarrou com os cobres *dourados*. Encarando depois a vendedora com a mesma imperturbabilidade, disse-lhe n'um francz de *vacca britannica*: «E quanto custam dous beijos para os pobres?»

Depois de uns segundos de reflexão e com ar triumphante, a nobre boneca respondeu, mas d'esta vez em optimo francz: «Para os pobres custam-lhe seis mil francos».

O bife de grelha desabotoou a sobrecasca, tirou da carteira seis mulambos azues e apresentou-os à *charuteira* que, por seu turno lhe ofereceu as faces, sorrindo graciosamente.

E, os beijos estalaram quaes traques de massa. Pois não deviam falhar sendo tão caros! Mais de dous contos de reis! Safa! E ficar-se com agua na bocca!

E ainda hoje fico todo coisa, pensando no preço do resto.

A. D'OLIVEIRA COSTA.

NOTAS

Nas cousas do Brasil ha muita pilheria boa, desconhecida. As instituições que *felizmente* nos regem são uma mãe prolifera.

Uma das nossas pilherias é a canhoneira *Traripe*, um bellissimo caranguejo displicito, que ainda não encontrou medicina que lhe organisasse de novo a *machina*.

*
A nossa diplomacia é outra pilheria. Uma pilheria de galão de ouro e chapéo a grande gala. Illustres senhores, que o paiz paga para ignorarem absolutamente tudo quanto se passa no paiz que representam.

Um dos governos anteriores descobriu, (que genios!) a ignorância dos illustres que fallam em nome de S. Magestade as magestades europeas e famílias adjacentes. Descobriu e endereçou logo uma nota (salvo seja) a todo esse pessoal disperso pelas quatro partes do mundo.

Que dizia a tal nota? Que os excellentissimos, para se orientarem nos negócios do terrão natal, onde canta o sabiá e dormem as antigualhas sem exclusão dos papos de tucano, deviam assignar o pesadão e sempre bem informado *Jornal do Commercio*. Pois os leitores assignaram o *Jornal*? Nem eu também e nem os diplomatas.

O governo toma birra ao caso e logo manda assignar o *Jornal* tantas vezes, quantos são os representantes da *astronomia* brasileira no orbe terraquo. Nota pilherica do caso: estas assignaturas deviam ser descontadas, na delegacia do thesouro em Londres, dos respectivos ordenados dos muito dignos plenipotenciarios e extraordinarios. Mezes depois, o Sr. Barão de Penedo envia ao ministro de estrangeiros uma nota perguntando que destino devia dar aos *jornais* recebidos, visto que todos os aposentos da Legação estavam atravancados, desde a cocheira até a casa do cão.

E' boa. Elles tinham pago as assignaturas, mas nunca tinham mandado buscar os *jornais*.

*
Faz-nos este facto lembrar o que aconteceu a um dos mais illustres dos nossos parlamentares em uma viagem que fez a Europa. N'um dos paizes que percorreu o sr. deputado foi visitar a legação brasileira, onde amigavelmente conversou com o muito illustre representante imperial.

O MINISTRO — Conheço muito V. Ex., de nome. V. Ex. é um dos primeiros e mais dignos representantes do povo. (sic.)

O DEPUTADO — Muito obrigado. São favores de V. Ex. que é um dos primeiros e mais dignos representantes do Brasil (sic).

O MINISTRO — V. Ex. é muito amavel. Como vai o Gonçalves Martins, lá pela Câmara?

DEPUTADO — Heim? o Gonçalves Martins?

MINISTRO — Sim, o illustre bahiano! V. Ex. já se não lembra d'aquele malvado do Pedro Ivo....

DEPUTADO — Sim! sim! Mas o Gonçalves, já não é Gonçalves, é visconde de S. Lourenço; já não é deputado é senador; já não é nada d'isto é um morto, e um morto de muitos annos.

MINISTRO (tossindo) — Ah! Sim!

DEPUTADO (sorrindo) — Sim! Pois não! E julgamos que isto também é uma das boas pilherias das cousas cá da terra de Santa-Cruz.

*
Dormes, e eu velo, seductora imagem,
Grata miragem que no ermo eu vi!
Dorme impossível que encontrei na vida,
Dorme, querida, que eu descanso aqui.
Depois que me disseram que adormecera,
a força de opio, a questão militar, todos os dias pela manhã, ao som da *Dalila*, assobiada por um meu vizinho, que é rapaz dado à musica, eu cantarolo *tristebundo*, os versos da *Judia*, em homenagem a outra não menos *judia* adormecida que, depois de ter judiado muito do sr. A. Chaves está agora a *judiar*

de mim, que sou um pobre *muchacho* que não lhe fiz mal algum e que lhe tinha mesmo muito amor.

E vou assim esperando o momento de resar o *requiescat in pace*, com o respectivo *amen final*.

Estará a pobre *pequena* atacada de *congesto hepatica com accessos febris?*

*

Não podendo, por falta de espaço transcrever para estas columnas, toda a magnifica *Comedia Bragantina*, que sob o titulo de *Casamento do Mano*, publicou o nosso collega estimadissimo do *Diario Popular*, damos em seguida a espirituosa lista dos personagens, entre os quaes se passa a ação da comedia de *Nemo*, esplendida critica das nossas províncias na actualidade:

AMAZONAS E PARA — Negociantes de borracha; gêmeos.

MARANHÃO — Professor aposentado.

CEARÁ — Filante de refrescos.

PIAUHY — Fazendeiro endividado por sistema.

RIO-GRANDE DO NORTE — Empresario, garantido, sem renda.

SERGipe — Pedinte chrouico.

PERNAMBUCO — Leão sem juba.

PARAHYBA — Ilustre desconhecida. Usa vestido de cauda.

ALAGÓAS — Namorada do thesouro publico.

ESPIRITO-SANTO — Hotelero de empregados.

RIO DE JANEIRO — Velho feitor.

MUNICÍPIO-NEUTRO — Bilontra e capoeira.

PARANÁ — Trabalhador de braços atados.

SANTA-CATHARINA — Moça que promete.

RIO-GRANDE DO SUL — Curatellado de farda.

GOYAZ — Inutilidade modesta.

MINAS-GERAES — Mulher seria e devota.

MATTO-GROSSO — Assalariado sem serviço.

PAULO — PAGADOR GERAL.

IMPERIO — Pae da tribu; magnifico recebedor.

BAHIA — Mãe paralytica.

*

A centralização, loba hydrophoba, que a todo custo é-nos preciso exterminar, sob pena de morrermos às suas garras traíçoeiras e sempre fatais, é o lema de um bello artigo dos nossos illustrados co-religionarios e collegas da *Gazeta Sul-Mineira*.

Aos nossos presados amigos pedimos licença para transcrevelo:

«A centralização é a vida da monarchia e a morte do paiz. Os oligarchas têm proximo às mãos os fios que dirigem todas as rodas da grande máquina nacional, montada pelos caudistas constitucionaes e imperiaes, e d'elles se servem para satisfazarem os seus interesses de domínio e exploração.

O velho rei, com os pés na cova, habituado desde a mais verde mocidade a ver acatada a sua vontade por toda a parte, e sobre todos os assumptos, até os mais disparatados, como os da sciencia, de que elle nada entende, apezar da sua *blague* e da sua pose de scientist, governa, reina, administra o mais que pôde, muito convicto, naturalmente, de que no dia em que as suas elevadas qualidades deixarem de actuar sobre nós, estaremos todos perdidos.

Não se é debalde descendente de varios sujeitos mais ou menos potros e idiotas que ocuparam o trono. O viso do mando contamina as gerações como a syphilis, e o oriundo da nobre casa de Bragança enxertada no Brazil, é fatalmente impulsionado a fazer o papel de nossa providencia, de columna de fogo no nosso deserto, como as leis physicas e implacaveis do atavismo lhe fazem inchas as pernas, crescer a barriga e cahir o beiço — o celebre beiço hyperbolico dos Bourbons, de que D. João VI possuia um tão bello especimen.

Com tudo, atravez do denso nevoeiro, cerrado como as nevoas das frias manhãs de Minas, com que a sua firme crença de divino o involve constantemente, de roldão com o incenso barato e enjoativo dos thuriferas azinhavrados dos thuriferarios, o olho azul, frio, orgulhoso, vingativo, choromingador, apunhalante, feroz, austriaco, do rei, ha de entrever tambem esta verdade, facil de apa-

nhar para qualquer intelligencia abaixo do mediocre — que a sua existencia como suprema autoridade irresponsavel periclitara no dia em que não se sentir mais o peso esmagador de sua mão felina e constitucionalmente tyranica.

Por isso elle reina, governa e administra, levado, não só pelas tendencias organicas e hereditarias do seu nascimento e da sua constituição, como pelo calculo.

O que a condensação completa da direcção do paiz pelo rei tem produzido é esta miseria e esta vergonha nacionaes, que alguns poucos corajosos, sem esperanças e sem ambições pessoaes, denunciam, e que os partidos monarchicos na oposição alternativamente confessam e afirmam.

Mas o velho rei está prestes a deixar o scenario politico; percebe-se nos bastidores do arrebatado theatro em que se representa a pataeda farça constitucional, o movimento habitual dos fins do spectaculo; o director chega aos labios o apito, cujo trino ha de fazer baixar o pano.

Amanhã, resa o cartaz, um actor frances e uma actriz fanaticas e walsista farão o seu debute.

Povo, rejubilarás; continua a comedia, mas, ao que parece, será entremeada de *couplets grivois* e corticeiros, e de resas com acompanhamento de pandeiros. White, o mulato querido, aparecerá no tablado com o seu violino!

Silencio, não esfriemos a commoção da surpresa.

Director, apita!»

*

Extractamos d'A *Propaganda*, excelente jornal republicano que se publica em Juiz de Fora, o seguinte artigo com que o collega precede a noticia da reunião do Congresso Republicano do 10.º distrito de Minas.

Diante da inercia, verdadeiramente criminosa dos nossos co-religionarios da corte, é um exemplo que apresentamos, nós que vivemos no coração do paiz, de onde deveria partir a senha para todo o imperio.

Ei-lo:

«A idéa republicana alastrá-se a todos os cantos, concentra-se em todas as convicções livres e anima-se de fortaleza que assombra os poucos obscurantistas que se acostam ao velho tronco da monarchia.

Nas províncias do Pará, Amazonas, Goyaz, Rio Grande, Pernambuco, S. Paulo, Rio de Janeiro, etc, fundam-se clubs, fazem-se conferencias publicas, as adhesões multiplicam-se, um brado unisono répercute de lado a lado, e a idéa da republica consubstancia-se avançando e avoluma-se, aos brados ingentes da liberdade, em nome do povo, já cansado da politica mesquinha dos interesses, do reino nefasto da cortezania boçal attrellada ao trono de ouro da familia dos Braganças.

Minas agita-se...

Seria doloroso compenetrarmo-nos de que a nossa patriotica província, a patria de Tiradentes e de todos os heróes da conjuração, se abstivesse de apresentar-se no prelio que se trava em prol da liberdade da patria.

De norte a sul, porém, a cada canto, nos mais remotos logarejos, dia a dia nos chega a noticia de mais uma instalação de club democratico e, consequentemente, de milhares de adhesões, — o que tem feito explodir, covardemente, a raiva rafeira do monarchismo retrogrado e brutal.

Mas nós, com aquelle galhardismo que nos investe as nossas convicções e amor ao solo que nos vio nascer, perpassamos o olhar pelos movimentos patrióticos que despontam em Campanha, Tres Pontas, Bagagem, Serro, Barbacena, Machado, Marianna, Pomba, S. João Nepomuceno, Leopoldina, S. Gonçalo de Sapucahy, Juiz de Fora, etc., etc., e animamo-nos ante esse desdobrar patriótico de santas aspirações.»

A *Democracia* tem a honra de agradecer aos seus illustres collegas d'A *Patria* e do *Sapucaitense* a gentileza com que a saudaram, transcrevendo alguns dos seus artigos.

*

A *Toutinegra do Templo*, bellissima ope-reta de *Messager*, inspirado compositor moderno frances, promette, no *Sant'Anna*, chegar a um ou douos centenarios. Luxo e correcto desempenho, letra e musica esplendidas, e nada mais para tal fim é preciso. Na *Toutinegra* primam Guilherme de Aguiar, Martins, Mattos, Mme. Massart e Rosa Villiot.

*

A revista o *Mercurio*, levada à scena do theatro Lucinda obteve um franco successo desde o prologo, engenhosamente trabalhado e em bons versos, até o fim do ultimo acto. Foi o *Mercurio* aplaudido ruidosamente e com justiça. A nosso ver é esta revista uma das melhores, senão a melhor dos Srs. Arthur Azevedo e Moreira Sampaio.

A ironia fina e bem applicada, com tanto proveito e aplauso admittida pelo Sr. Oscar Pederneiras no *Zé Caipora*, scintilla no novo trabalho dos autores do *Mandarin*.

Todos os numeros de musica são bonitos e bem apropriados ás diversas situações. A orchestra foi que nos desgostou.

A bellissima cançoneta de Michaelo, primorosamente cantada por Cimira Polonio, causou-nos uma impressão tão agradavel que pelo nosso gosto a gentil cantora repetil-a-hia pelo menos umas dez vezes. Além d'isto o seu papel de Frivolina foi conduzido com uma discrição a toda prova.

Xisto Bahia e Correia representaram com muita graça e foram-se realmente bem.

Peixoto, Colás, Blanche, Fanny agradaram em extremo. A enscenação é de luxo.

Não comportam as columnas desta folha noticia mais circunstanciada, e assim limitamo-nos a registrar o nosso franco aplauso.

*

No *Recreio a Maria Antonietta*; no Príncipe *Zé Caipora*; na *Phenix* — Ha alguma diferença? eis os successos da época. E o primeiro d'estes theatros annuncia para muito breve o ultimo trabalho de Dumas Filho, *Francillon*, que teve enorme aceitação em Paris.

E. ARITA.

CONSULTAS

Dr. Julio Diniz, especialista de febres, syphilis e molestias pulmonares; dá consultas das 12 às 2 e attende a chamados a qualquer hora em sua residencia, a rua 7 de Setembro n. 239.

Dr. E. Pinto, medico homeopatha, dá consultas á rua da Quitanda n. 127, pharmacia.

Dr. Lima e Castro. Lente de clinica cirurgica da Faculdade de Medicina, cirurgião efectivo do Hospital da Misericordia. Faz todas as operações cirurgicas. Consultorio à rua dos Ourives n. 68, de 12 às 2 horas. Residencia à rua Marquez de Abrantes n. 44 A.

Dr. Moura Brazil, oculista. Consultorio: rua Sete de Setembro n. 1, de 1/2 hora ás 3. Residencia: rua de Guanabara n. 38

Dr. Ed. Chapot Prévost, medico parteiro. Consultas das 11 às 2. Consultorio e residencia: Ovidor n. 77.

Dr. Maia Barreto, medico homeopatha. Consultas das 10 às 2 em sua resid. rua da Quitanda n. 55.

ANNUNCIOS

LIÇÕES DE PIANO

A. Cardoso de Menezes

DÁ LIÇÕES DE PIANO

Recados na Redacção d'este periodico

ATELIER
DE
CANIZARES

Offerece ao respeitavel publico retratos a oleo, crayon, decorações de templos, vistas de fazendas, etc., etc., tudo com a maior perfeição e a preços razoaveis.

40 RUA DE GONÇALVES DIAS 40

RIO DE JANEIRO

MOLESTIAS DO PEITO

Os medicos da França e de todos os paizes do mundo reconheceram, em attestados authenticos, que o *Xárope do Dr. Zed*, é o peitoral mais efficaz que até hoje têm receitado. *Constipações, Catarros, tosse convulsas*, e quantas affecções martyrism a infancia, não podem resistir aos seus beneficos effeitos, geralmente infallíveis. Encontra-se este admiravel producto na rua Rue Drouot n.22, em Paris, e em todas as boas Pharmacias.

BIBLIOTHECA THEATRAL

Collecção de peças de teatro que mais voga tem eito nos teatros da Corte e Províncias, editadas pela livraria Serafim.

83—Rua Sete de Setembro—83

RIO DE JANEIRO

BRAMAS, OPERAS COMICAS E OUTRAS PEÇAS DE GRANDE ESPECTACULO.

Peças de Arthur Azevedo

Falka, opera burlesca.....	18000
A princesa dos Cajueiros.....	18000
Abel, Helena.....	18000
A filha de Maria Angú.....	18000
A casadinho de fresco.....	18000
Jerusalem libertada.....	18000
Niniche.....	18000
A joia.....	18000
Gillette de Narbonne, opera-comica em 3 actos.....	18000
A flor de Líz.....	18000
Por um triz coronel, proverbo em 1 acto.....	8500
Amor por annexos.....	8500
Uma vespresa de Reis.....	8500

Eduardo Garrido

Bocacio.....	18000
Viagem à lúa.....	18000
O jovem Telemaco.....	18000
A Mascote.....	18000
Os sinos do Corneville.....	18000
Sonhos d'ouro, peça fantastica em 3 actos.....	18000
Os Trinta Botões.....	8500
Por um triz.....	8500
Quasi que se pegam!.....	8500
Um alho.....	8200
O meu amigo banana.....	8200
A bengala.....	8200
Coração e Genio, drama familiar, pelo Dr. Pires Ferrão.....	18000
As duas orphãs, celebre e importante drama em 5 actos.....	18000
Aimée ou o assassino por amor, bello drama.....	18000
A Judia, notavel drama de Pinheiro Chagas.....	18000
A morgadinho de Val-flôr, pelo mesmo...	18000
Os Lazaristas, drama em 3 actos por Antônio Ennes.....	18000
A Estatua de carne, traducção do Dr. Pires d'Almeida.....	15000
Dafila, celebre drama de Octavio Feuillet. Romance de um moço pobre, pelo mesmo. Amor e infamia, notavel drama.....	18000
Gouzaga, ou a revolução de Minas, celebre drama de Castro Alves.....	18000
Eurico, magistral drama extraido do romance do mesmo nome.....	18000
Fausto, drama phantastico de Gutiérres da Silva.....	18000
Os Positivistas, drama onde não entra dama.....	18000
O negro, drama importante.....	18000

Scenas comicas, dramaticas e poesias comicas

Amores de Antonio Juca.....	8200
Um litterato da epocha.....	8200
Camões e Jão.....	8200
Manoel d'Abalada.....	8200
São coisas.....	8200
Bala queimada.....	8200
O amigo dos artistas.....	8200
As tribulações de um inspector de quartel.....	8200
A historia de um marinheiro.....	8200
Ex. vespertas de casamento.....	8200
Uma victimia do jogo.....	8200
Cerração no mar.....	8200
Cegueira ou bebedeira.....	8200
Faz-me o favor do seu fogo?.....	8200
Alto vareta.....	8200
Um conductor de omnibus.....	8200
O orphão.....	8200
O assassino.....	8200
João Bobo.....	8200
Unhas de fome.....	8200
O cosinheiro e a quitandeira.....	8200
O sachristão de S. Nunes.....	8200
Um pho-phoro em dia de elecções.....	8200
Manoel Corisco.....	8200
O malfadado.....	8200

A cremação.....	8200
A mulher e a comida.....	8200
Vou var os sinos de Corneville.....	8200
O Remorso.....	8200
Fui ver a Maria Angú.....	8200
Viagem a volta do mundo a pé.....	8200
Cousas do arco da velha.....	8200
Consciencia e remorso.....	8200
O maldicio.....	8200
Suicida por amor.....	8200
Canto do saltadeiro.....	8200
Fui ver a Mascotte.....	8200
Occurencias diversas.....	8200
A justiça divina.....	8200
O plebeismo.....	8200
Um pedante em calcas pardas.....	8200
José povinho ou o imposto de vintem.....	8200

Outras peças de teatro

Geraldo sem pavor, ou a tomada de Evora, drama historico e raro.....	38000
O homem da mascara negra.....	18000
29 ou honra e gloria.....	18000
Os dois renegados.....	18000
A viuva das camelias.....	18500
Amores de Roberto.....	18000
O avarento.....	18000
Alonso e Cora.....	8500
Os inimos.....	18000
Escravo fiel.....	18000
Britanico.....	18000
Os bandidos, traducção do Dr. Mello Pitada.....	18000
A barba de Alvarenga.....	18000
O chale de cachemira verde.....	18000
Cornélio.....	18000
Capitão Hypolito.....	18000
Caminho para o céo, ou trabalho de um christão.....	18000
A convenção de um calceta, celebre drama tirado da Misericórdia de Victor Hugo, pelo Dr. Mello Pitada.....	18000
O capadocio.....	18000
Os dois sargentos.....	18000
Cuimenti.....	18000
Os martyrios de uma familia, drama sacro por Augusto F. da Rocha.....	18000
O modelo vivo, drama em 5 actos, proprio as sociedades particulares por Manuel Joaquim Valadão.....	18000
A Bohemia, drama idem idem.....	18000
Carlos o poeta, idem.....	18000
A probidade, drama marítimo de Cesar de Lacerda.....	28000
Alvaro da Cunha, ou o cavalheiro de Alcacer-quiñir.....	18000
Galileu, drama historico.....	18000
Antonica da Silva, pelo Dr. Joaquim Ma-nel de Macedo.....	18000
Ambição, drama.....	18000

Comedias, com e sem damas

Antes do Baile, comedia em 1 acto.....	8500
Judas em Sábado d'Alleluia, celebre comedia de costumes nacionaes por Penna.....	8500
Os dous o inglez machinista, pelo mesmo.....	8500
A Morte do Galo.....	8500
Quasi ministro.....	8500
A joia das joias.....	8500
Um diabrete de 16 annos.....	8500
Um idioma.....	8500
Uma prima e tres bordões.....	8500
Uma quarto com duas camas.....	8500
Os mäeçoes e o bispo.....	8500
Club Godípan.....	8500
Dous atras de um.....	8500
Beata de mantilha.....	8500
Bolsa e Cachimbo.....	8500
Um marido victimia das modas.....	8500
Uma criada impagável.....	8500
Cuumes de um velho.....	8500
Resonar sem dormir.....	8500
Por um triz.....	8500
A ordem e resonar.....	8500
O diabo a quatro n'uma hospedaria.....	8500
Uma experiencia.....	8500
Os dous candidatos.....	8500
A cata do Manel.....	8500
FFFF e RRRR.....	8500
Baptizado e casamento.....	8500
Architecdo das moças.....	8500
Tribulações d'um estudante.....	8500
Quasi que se pegam!.....	8500
As saias nas cedras e as calças nas saias.....	223 por 225
A monomania.....	8500
Um quadro de casados.....	8500
Uma scena no sertão de Minas.....	8500
O diabo atraç da porta.....	8500
Scenas na Foz.....	8500
Dous criados felizes.....	8500
Enviado de Roma.....	8500
Embrullada familiar.....	8500
Fabia.....	8500
A morte de Catimbio.....	8500
Falta de mindos.....	8500
Gravata branca.....	8500
Mania franco-prussiana.....	8500
Matel o Chim.....	8500
Nova Castro.....	8500
Nas horas das consultas.....	8500
A saia balão.....	8500
Veterano da independencia.....	8500
Arte, patria e caridade.....	8500
Os deuses de casaca.....	8500
Os dois amores.....	8500
Dois fingidos.....	8500
O primo da California.....	8500
A morgadinho na rua das Flores.....	8500
Diabos, fantasmas e credores.....	8500
O Barão de Pombal.....	8500

GOMES LEAL

Atraição, 1 vol.....	8400
Claridades do Sul, 1 grande vol.....	28000
A fome de Camões.....	18000

PEREIRA SILVA

Riachueiro, poema epico em 5 cantos, seguido de desenvolvidas notícias biograficas dos heróes do mesmo. Este notavel poema torna salientes os inexcusáveis feitos da Marinha Brasileira na celebre batalha marítima do Riachuelo, 1 grande vol. in-8º.....	18000
DENTADAS, satyras e epigrammas, 1 vol....	8500
E' reput	